

De um olhar, muitas histórias...

*Claudia Molina Holmer**

*Laiza Karine Gonçalves***

A proposta de redação em 2008 para as três turmas (91, 92 e 93) de primeiro ano do Ensino Médio do Colégio de Aplicação é propiciar aos alunos leitura e produção criativa de diferentes tipos de textos. A cada aula os alunos recebem um tipo de texto (argumentativo, descritivo, explicativo, opinativo, reflexivo, poético...) para fazer leitura individual, de forma silenciosa ou em voz alta, socializar as idéias juntamente com o professor da turma, conforme a interpretação de cada um, e, com base nessas atividades, produzir um texto. Essa produção é sempre feita depois desses dois momentos, pois é a partir deles os alunos elaboram e aplicam o seu pensamento criativo.

Diante desse pensamento, foi trabalhado com os alunos, dentre tantos outros, o texto *Um livro entre as mãos*,¹ inventado pelo escritor Luiz Antonio de Assis Brasil. É uma história criada a partir do olhar que o escritor fez da pintura de Jean-Baptiste Debret, do século XIX, cujo título é *Uma senhora brasileira em seu lar*. Da mesma forma que Assis Brasil fez seu olhar, os alunos também o fizeram.

No primeiro momento mostrou-se a pintura de Debret aos alunos para que eles descrevessem o que estavam vendo, e, a partir dessa descrição, o interpretassem. Após essa socialização

* Professora do Projeto Educação Continuada na disciplina de Língua Portuguesa do CAP/UFRGS em 2008. Licenciada em Letras pela UFRGS.

** Professora do Projeto de Educação Continuada na disciplina de Língua Portuguesa do CAP/UFRGS em 2008. Mestranda em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

¹ Texto retirado da obra *Histórias de quadros e leitores*, de Marisa Lajolo (org.). São Paulo: Moderna, 2006.

de ideias, se entregou o texto escrito pelo Assis Brasil para que fizessem a leitura e comparassem as ideias referentes ao olhar diferente (aluno x escritor) para o mesmo quadro. Depois desses dois momentos, os alunos receberam a proposta textual. Cada turma recebeu uma imagem diferente para que os alunos criassem um texto a partir do seu olhar.

Foi uma proposta da qual se obteve um resultado muito positivo. Os alunos foram criativos, tendo sido alguns textos expostos, juntamente com as imagens/pinturas, no saguão da escola para que outros alunos da escola pudessem ler, e também fazer, se quisessem, uma nova história a partir do seu olhar.

Seguem algumas histórias:

Turma 91



BOTTICELLI, Sandro. *História da nostalgia dos honestos*

A vingança

Rodrigo Ribeiro Campos

Há muito tempo, lá pelos anos 70 a.C, havia um reino na costa de Israel, virado para o mar mediterrâneo, que tinha como líder um rei muito covarde e sem dignidade chamado Yan Baruk. O rei Baruk era famoso por trair seus aliados e por desproteger

seu povo. Era muito inteligente, porém usava sua inteligência apenas para conquistar mais riquezas, passando a perna em outros reis.

O rei Baruk já estava velho, passava dos 70 anos de idade e andava preocupado, já não tinha mais forças para lutar e a sua morte já estava próxima. Resolveu, então, procurar ajuda a um velho sábio, recém-chegado ao povo, que já fizera previsões importantes, e todos acreditavam que pudesse receber mensagens divinas. Baruk então chegou ao velho e perguntou:

– Velho sábio! Use seus poderes e ajude este velho rei, que de joelhos aos seus pés lhe suplica uma mensagem divina! Como, eu, este velho aqui, posso recuperar minhas forças e voltar a lutar e a ajudar meu povo?!

– Baruk! Rei do reino de Mirmidón, na costa de Israel, para recuperar suas forças, deve beber água em um cálice que foi abençoado pelos deuses...

– Mas onde irei encontrar o tal cálice?

– No alto do monte Jinmei mora um jovem de 16 anos que perdeu sua mãe há pouco, chamado Lionel, o cálice está com esse jovem pastor...

– Pastor? Ahuahauahua... Então irei roubar!!!

– Não, Baruk! Para que a magia do cálice seja concretizada, o jovem deve lhe entregar o cálice de livre e espontânea vontade...

Baruk despediu-se do velho e imediatamente chamou seus homens e foi em direção ao monte Jinmei. Após dois dias de caminhada, Baruk chegou à casa do pastor. O garoto estava sentado em uma cadeira fumando um cigarrinho.

– Bom dia, pastor Lionel...

– Quem são vocês? Eu já paguei os impostos esta semana!
– diz o garoto assustado.

– Nós não viemos cobrar impostos... eu sou o rei Baruk de Mirmidón.

– Ah! Por favor, me desculpe! Eu não podia imaginar...

– Não se preocupe... Posso entrar?

– Sim, sim!

Os dois entraram, sentaram-se na cozinha e Lionel serviu um copo de água para o rei Baruk.

– O que faz o senhor, rei de Mirmidón, vir de tão longe para tomar água em meu humilde casebre?

– Bom, eu vim lhe pedir o cálice sagrado... E em troca lhe darei 10 hectares de terras banhadas pelo Mediterrâneo, uma navio cheio de ouro e mais 50 homens para trabalhar para você.

– É uma proposta tentadora, mas o cálice está em minha família há 3 gerações. Eu não posso.

O rei pensou, pensou, e pensou mais um pouco, então disse:

– Tenho uma ótima idéia! Além de toda essa riqueza, eu lhe darei a mão de minha filha, Dulcécia, assim o cálice não sairá de sua família!

– Excelente! – Disse o jovem pensando na idéia de se tornar um príncipe.

– Na semana que vem haverá um grande jantar de recepção para meu filho que volta do Egito. Na frente de todos, nós faremos a troca.

Chegou o dia do jantar, todos estavam presentes e após o garoto entregar o cálice ao rei, perguntou:

– Rei Baruk! Agora peço a vós os meus prêmios...

O rei levantou calmamente, soltou uma gargalhada que ficou ecoando na cabeça de quem estava por lá e disse para todos:

– Este moleque realmente acha que vou lhe dar alguma coisa! Uahahahah... Guardas! Levem-no!

Nesse momento o jovem correu, roubou o cavalo do próprio rei, correu com o animal e, em uma jogada de mestre, conseguiu pegar uma adaga da cintura de um guarda e a lançou em direção ao rei, acertando-o bem no peito. Baruk caiu morto em frente a todos que estavam presentes.

Então quando já havia mais de 20 guardas preparados para matar o garoto, surgiu o sábio e diz:

– Não o matem! Sua morte causará a destruição do reino! Deixem que eu o castigue com o mais poderoso feitiço que conheço!

Quando os dois já estavam longe de todos, o jovem começa a falar:

– Belo plano, pai, rei do reino de Galatasaray, reino destruído por Baruk! Conseguimos vingar a morte de minha mãe!

– Obrigado, filho! Príncipe de Galatasaray!

– Pai, é verdade essa história de cálice?

– Não vai me dizer que você acredita em algum tipo de magia? Hauhauha..

– Não... Pai, a vingança já está terminada, não é?

– Ainda não!

– O que falta?

– Falta nós chamarmos nossos 5 mil homens que estão escondidos atrás do monte Jinmei preparados para tomar a posse do reino de Baruk, e libertar o nosso povo!!!

Uma beleza avassaladora

Jessica Mancio

Há muito tempo, existia uma aldeia estilo medieval que obtinha a guarda de uma jovem belíssima em segredo. Todos da aldeia sabiam de sua existência e do nome dela que era Ateni. Uma mulher cuja beleza era igual à de uma deusa grega, tanto que seu nome foi atribuído por causa da deusa grega Atenas. Ateni foi destinada a casar com o rei da aldeia vizinha, porque estava havendo muitos conflitos entre as aldeias. Ela não tinha escolha a não ser aceitar, porque ela uma camponesa sem nenhum título de nobreza nem nada, mesmo tendo como melhor amigo o príncipe, ele quem podia fazer alguma coisa, infelizmente não podia fazer nada por ela.

No dia da ceia, quando ela seria apresentada ao seu futuro noivo, todos da aldeia estavam presentes. Numa mesa enorme

sentavam-se os nobres: o rei, a rainha, o príncipe, o pretendente, o bispo, o padre, entre outros. Alguns estavam satisfeitos com a decisão tomada para acabar com os conflitos econômicos e sociais das duas aldeias, e outros lamentavam a decisão.

Quando Ateni apareceu, estava chorando. De repente viu o príncipe sentado fazendo gestos para ela pedindo que não chorasse. Conteve suas lágrimas e cumprimentou todos sorrindo, esbanjando sua beleza, porque sabia que no fundo algo bom iria acontecer. O príncipe seu amigo havia sumido após ter feito aqueles gestos para ela.

Um barulho ensurdecedor de gritos das pessoas que lá estavam presentes se escutava. Em meio a essa barulheira a imagem de um cavaleiro apareceu em frente a Ateni. Ela não sabia quem era, mas não se sentiu ameaçada. Cachorros ferozes foram atacar o cavaleiro, mas acabaram ferindo a pobre Ateni, o cavaleiro pegou a espada e acertou-a nos cachorros. Após colocou Ateni sobre o cavalo e saiu às pressas para desespero de todos que estavam presentes na ceia.

Aquele bravo cavaleiro era o príncipe seu amigo, o Estevan. Ele sempre a amou, um amor de amigos, mas quando disseram que ela teria de se casar, ele percebeu que o sentimento de amizade era também um desejo, um amor maior. Ateni também sentia algo em especial por ele, mas evitava pensar nisso, porque os dois haviam crescido juntos e eram como se fossem irmãos.

Depois desse bravo ato de heroísmo do príncipe para salvar o seu verdadeiro amor, os dois declararam seu amor para todos. Seus pais temiam que isso pudesse acontecer, mas mesmo assim aceitaram. Os dois casaram-se, tiveram filhos e viveram felizes para sempre. Já o antigo pretendente de Ateni continuou atormentando a aldeia, pobre infeliz que não conheceu o sentido do amor.

Turma 92



BOTTICELLI, Sandro. *Alegoria da calúnia*

Alegoria da calúnia

Luísa Chini

Era um domingo cinzento. As irmãs de Marieta acordaram bem cedo para irem à festa do povoado. Botaram seus melhores vestidos e túnicas, Laura, de rosa e amarelo, Carola, de azul e branco, e Antonieta, de marrom. Correram até o quarto de seu cunhado, onde não encontraram ninguém. Tal fato não era surpresa, sendo que, desde que seus pais morreram e as meninas vieram residir com sua irmã no palácio, em dia de festa, o casal real acordava cedo e agitado.

Porém, hoje havia algo diferente, reparou Laura. O quarto exalava uma doce fragrância de água de cheiro, e os lençóis continuavam desarrumados... Eufóricas, as irmãs restantes não deram ouvidos à ruivinha, que se deixou levar pelos risos fraternos e foi saindo do aposento. Nisso, entra correndo desesperada a freira Amélia. Ela clama por auxílio, e explica que um de seus aspirantes a padre havia sumido desde ontem. Duas velhas governantas que tinham o mal hábito de escutar atrás das portas foram comunicar tal recente problema ao rei, mas não sem antes somar

o fato de que sua esposa Marieta não estava pintando como de costume...

Ainda no quarto, a freira é forçada pelas garotas a sentar na beirada da cama desalinhada para se acalmar. Com o peso das quatro mulheres, o móvel cede e quebra, provocando forte barulho. Tal estrondo faz com que a porta do armário se abra, e de lá sai o padreco seminu, que é rapidamente golpeado na cabeça por Carola.

Chegam os guardas, e a velha beata reconhece, com repulso, seu seguidor, não conseguindo mais encarar a cena.

O jovem é arrastado pelos cabelos até o rei, que acabara de ouvir a notícia das más línguas e consegue juntar os fatos, arrastado, numa fração de segundos.

Marieta assiste tudo de trás de uma coluna no salão real, e finalmente encontra o momento certo de pintar seu quadro, posteriormente nomeado como: ALEGORIA DA CALÚNIA.

Desenho nas estrelinhas

Larissa Valim Machado

A cena que se passa nessa pintura é, obviamente um adultério, vamos analisar o que vinha se passando tempos antes... Elisabeth, a rainha da Itália (em um passado muito distante), era uma mulher completamente sem limites. Antes de casar-se, não havia o que os pais não lhe dessem, nem pedidos que não fossem atendidos; sempre conseguiu o que quis, por bem... ou por mal.

Quando Louís, o rei, encantou-se por ela e sua rara beleza, não esperando a personalidade que iria se aflorar, desposou-a, e a moça ficou dividida. A ambição era grande, mas atrás de todos aqueles sentimentos egoístas, ela cultivava um sincero amor por Martin, seu amigo de infância (que por sinal, havia acabado de engatar um romance com a mesma). Por pressão de seu pai, a mulher casou-se, pois além de rico e nobre, a Vossa Majestade era um homem muito sério e bom.

Nos primeiros meses de casamento, ela acreditava que não tinha valido a pena todo aquele “esforço” para ganhar apenas mais “status”. Porém, aos poucos foi se apaixonando por Luís e passara a viver tranqüilo e alegre ao seu lado.

No entanto, essa alegria não durou muito. Quando eles fizeram uma festa de dois anos de matrimônio, ocorreu um fato não planejado... Martín estava na comemoração. Assim que Elisabeth o viu, toda aquela paixão retornou ao seu corpo, e após seus olhos se encontrarem, nenhum dos dois conseguiu mais segurar aquele sentimento. Esperaram o momento oportuno e foram a uma das salas do palácio das asas ao seu amor, desligando-se completamente do mundo.

Uma hora depois, uma convidada entrou no lugar errado e deparou-se com aquela cena. Surpresa, gritou. Foi aí que chegaram outros convidados e infelizmente, o rei.

O que restou aos presentes foi segurar o triste homem e os adúlteros. A festa ficou marcada, com um triste fim...

Turma 93



SANZIO, Raffaello. *A visão do cavaleiro*

O quadro

Marla Trabach Godinho

Jon Flairick era um jovem francês que vivia com seu pai e sua mãe em uma grande casa que pertencia à família há anos. Quando Jon completou dez anos, recebeu a notícia de que tinha uma doença muito grave e sem cura. Seu pai gastou todo o dinheiro que tinha para tentar salvar o filho, mas a resposta de todos os médicos franceses, americanos e russos que atenderam Jon era sempre a mesma: não podemos fazer nada para salvá-lo.

Isso fez com que o Sr. Flairick entrasse em uma profunda depressão, que o levou à morte. A partir desse dia, a mãe de Jon Flairick, Sra. Mary Flairick, passou a trabalhar no campo para juntar dinheiro e conseguir cuidar do filho. Depois de passar por tantos problemas, Jon começou a enxergar o mundo de uma forma diferente. Todos os dias ele caminhava pela longa estrada que ligava duas cidades por onde ele e sua mãe sempre passavam para vender verduras, e começou a plantar flores. Muitas pessoas achavam esse hábito bastante estranho, achavam que Jon era muito afeminado. Porém, essa má fama acabou quando Jon se casou com a jovem Jane Suit.

Nessa época, Jon tinha dezessete anos. Havia passado muito tempo desde que ele havia contraído a doença, mas era certo que mais cedo ou mais tarde, Jon acabaria morrendo. Um dia, enquanto Jon Flairick caminhava pela mesma rua de sempre, jogando no chão sementes de flores como ele sempre fazia, um fazendeiro parou perto dele e indagou:

– Sr. Flairick, conheço a sua história e gostaria de lhe perguntar uma coisa que eu e meus amigos estamos há tempo querendo saber.

– Então pergunte.

– Se está jurado de morte, por que não curte o resto de sua vida gastando o seu dinheiro e se divertindo?

Nesse momento, Jon olha para o chão, em seguida olha para o fazendeiro e responde:

– Todos achavam que eu morreria aos dez anos, assim que contraí a doença; no entanto, passaram-se sete anos. O que seria de mim se tivesse seguido anteriormente o seu conselho?! Passaria o resto de minha vida mendigando pelas ruas.

– Então por que planta flores se não as verá crescer? Essas flores são lindas, mas levam uns cinco anos para florescerem.

– Dentro de cinco anos não estarei mais aqui. Porém, minha mulher, meus filhos e, mais tarde, os filhos dos meus filhos estarão. Será uma forma de alegrá-los e passar para eles a vida, que não mais habitará em meu corpo.

Após dizer isso, Jon continuou caminhando. Caminhou uns vinte metros e caiu no chão, morto. Sua mulher e sua mãe, como se pressentissem tudo, vieram atrás dele e, diante de seu corpo, estenderam suas mãos com as maiores heranças de Jon. A mãe segurava com uma das mãos a espada de Jon e com a outra, seu livro de pinturas. A sua mulher segurava o primeiro raminho de flores que ele vinha plantando e acariciou a barriga, onde gerava o filho deles que viria a nascer.

O fazendeiro, que viu a cena, contou a história para um amigo, que contou para outro amigo, que a contou para outro amigo até que ela chegou aos ouvidos de um pintor que retratou a cena em um quadro chamado: As coisas simples da vida.

O amor perdido

Paula Santos

D. João Alberto era o rei de Mônaco, filho de D. João Seco e D. Alta. Ele era apaixonado por Felippa, a princesa de um reino vizinho e com quem se encontrava todas as tardes debaixo de uma árvore de frutos verdes, antes do sol se pôr.

Numa tarde chuvosa, D. João a esperava debaixo da árvore, mas em vão, pois ela não aparecera. Muito magoado, voltou ao castelo, onde seu mensageiro o esperava com a pior notícia que algum apaixonado poderia receber: naquela tarde sua amada tinha falecido; teria sido envenenada. Neste momento o mundo

desabou. Chorava como uma criança, gritava como se estivesse sentindo uma imensa dor. Saiu à procura de seu cavalo para ir ao reino da amada. Enquanto galopava, as lembranças, as cenas de tudo que passara com Felippa tomavam sua mente e as lágrimas já não se continham mais.

Chegando lá, o reino estava de luto, todos andavam de preto e de cabeça baixa, com ar triste. Foi direto ao castelo; não falou nenhuma palavra e nem olhou para trás. Abriu as portas e a primeira coisa que viu foi o caixão com uma cruz na frente. Suas pernas tremiam, ele não acreditava no que via, sua bela ali, tão bela quanto na última vez que a tinha visto, com um ar meigo na face. D. João se ajoelhou em frente ao caixão e um silêncio pairou sobre a imensa sala. Passou horas ali olhando para Felippa, até que a dor tomou conta de tudo e ele teve a pior ideia: num impulso pensou que se suicidasse poderia ficar ao lado da amada.

Os dias se passaram e a dor só aumentava, e cada vez mais ele se encorajava para cometer o tal suicídio. Numa manhã ensolarada e quente, D. João pegou a espada e foi em direção ao bosque; lá, sentou numa pedra e não parava de pensar em Felippa. Num impulso e sem pensar nas conseqüências, enfiou a espada em seu pescoço e caiu em meio às folhas. Uma jovem que passava por ali ficou impressionada com a cena que acabara de se deparar: um jovem caído, quase morto, e dois seres brilhantes ao seu lado, um segurando um arranjo de flores e outro uma Bíblia. Foi aí que soube que os seres cheios de luz eram o pai e o grande amor do rapaz que vieram para ajudar-lhe em seu novo caminho em busca da luz.